

# ***A Profecia nas Origens e suas Recepções***

DANIELLE LUCY BÓRIO FREDERICO  
ORGANIZADORA

**Editeo**

Editora da Faculdade de  
Teologia da Igreja Metodista  
São Bernardo do Campo, SP  
2018

© 2018 A Profecia nas Origens e suas Recepções

EDITEO

Editeo: Editora da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista  
Rua do Sacramento, 230, Prédio Gama, Rudge Ramos  
09640-000 – São Bernardo do Campo, SP – Telefone: (011) 4366-5983

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Maria de Fátima Almeida CRB-8/7111

A profecia nas origens e suas recepções. / Danielle Lucy Bósio  
Frederico (Org.)  
São Bernardo do Campo: EDITEO, 2018.

125 p.

Bibliografia  
Semana de Estudos Teológicos (SET)  
ISBN: 978-85-54334-00-0

1. Bíblia – A.T. – Livros proféticos – Crítica e interpretação  
2. Profetismo – Novo Testamento 3. Profetas I. Título II. Kaefer, José  
Ademar et al..

**CDD: 224.06**

REVISÃO: MARTIN BARCALA

ASSISTENTE EDITORIAL: Fagner Pereira dos Santos

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Maria Zélia Firmino de Sá

CAPA: Fagner Pereira dos Santos

# SUMÁRIO

Apresentação da Semana de Estudos Teológicos – SET <i>Danielle Lucy Bósio Frederico</i> .....	7
O profeta e a literatura profética <i>José Ademar Kaefér</i> .....	11
A espiritualidade no Antigo Testamento <i>Tércio Machado Siqueira</i> .....	27
Origens e Função do Profetismo no Antigo Yiśrā’ēl <i>João Batista Ribeiro Santos</i> .....	35
A Confissão de Jeremias como reação à injustiça em Judá no início do reinado de Jeoaquim <i>Samuel de Freitas Salgado</i> .....	47
Tradições proféticas de Moisés no Novo Testamento e a figura messiânica de Jesus – A recepção de tradições veterotestamentárias e costuras traditivas <i>Paulo Roberto Garcia</i> .....	69

A Nova Aliança de Jeremias por nova perspectiva: A recepção da  
“obra da Lei gravada no coração” em Romanos

*Jonas Machado* ..... 79

A Leitura dos Profetas na Literatura Gnóstica Cristã

Antonio Carlos Soares dos Santos

*Ozeias Rocha Júnior* ..... 87

Os povos da terra. Abordagem historiográfica de grandezas sociais  
do antigo Oriente-Próximo no segundo milênio A.E.C.: uma  
abordagem comparativa

*João Batista Ribeiro Santos* ..... 95

Os Profetas no *Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português*: uma  
experiência de tradução

*Edson de Faria Francisco* ..... 119

# ○ PROFETA E A LITERATURA PROFÉTICA

José Ademar Kaefer\*

## ○ PROFETA

O profetismo, enquanto movimento ou manifestação em defesa da vida, é o que dá legitimidade e autenticidade à Igreja, a qualquer Igreja. Ai da instituição que mata seus profetas. Ai da instituição que não os mata.

Querido e temido, admirado e odiado, esse é o profeta. Uma figura controversa, que cava seu próprio túmulo. Todo movimento religioso que não se institucionaliza está fadado a desaparecer, dizia Max Weber (1991). Eis o dilema do movimento profético: se ele não se institucionaliza, morre. Ao se institucionalizar, morre também. Em igual dilema se encontra o seu agente, o profeta. O fim do profeta não é o seu triunfo, mas sua derrota: o martírio. Por isso, o profetismo não é um movimento permanente. Ele surge, provoca ebulição social e desaparece. Esta é sua função. Assim também o profeta: sua missão é anunciar, denunciar, propor e sair de cena. Nunca visa e nunca chega ao poder. Se isto ocorre, deixa de ser profeta.

Os homens poderosos, os algozes dos profetas, gostam de ser comparados a eles. Quando o presidente Abraham Lincoln foi assassinado, sua morte foi associada à de Jesus. Lincoln entra na história estadunidense como “o nosso presidente martirizado”. Gostam de ser comparados com profetas e, por extensão, com o messias. Nos escritos e discursos de Benjamin Franklin, George Washington, Thomas Jefferson, John Kennedy, Lyndon Johnson, Robert Nixon, George W. Bush, para citar alguns, esse analogismo é constante. Gostam de estabelecer paralelos simbólicos entre a nação estadunidense e o antigo Israel (FILORAMO e PRANDI, 1999, p. 140-141). É um nacio-

\* Doutor em Teologia Bíblica pela Westfälischen Wilhelms-Universität Münster, Alemanha, e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). jademarkaefer@gmail.com .

nalismo fundamentalista, de caráter profético-messiânico e reacionário. Os personagens citados, presidentes, são antigos, mas a ideologia, por incrível que pareça, é muito atual e “vai muito bem, obrigado”. Basta analisar os discursos, que parecem esquizofrênicos, do atual presidente dos EUA, Donald Trump, em sua campanha eleitoral. E o mais incrível ainda é que grande parte dos que fazem coro a esses discursos e votam nesses candidatos se diz cristã, católicos e evangélicos.

É a arte ardilosa de matar o profeta e de se apropriar da profecia. Matam os profetas e, depois, constroem-lhes belos monumentos. É uma forma de não só matar o profeta, mas também a profecia. Ela é absorvida pela ideologia dominante, tirando-lhe seu caráter contestador e denunciador. É para esses mesmos que Jesus se dirige, quando diz:

*Ai de vós, porque edificais os túmulos dos profetas, os que vossos pais mataram. Assim sois testemunhas e concordais com as obras dos vossos pais. Porque eles, por um lado, mataram-nos, e vós, por outro, edificais (Lc 11,47-48).*

De forma que, dizer-se profeta ou ser comparado a ele, é algo muito almejado pelos que não o são.

Esse mesmo interesse pelo status do “ser profeta” também está manifesto em todo Primeiro ou Antigo Testamento. Profeta é um título honorífico! As grandes personagens bíblicas são identificadas ou associadas com ou aos profetas. Abraão é chamado de profeta (Gn 20,7); Moisés é chamado de profeta (Nm 12,6-8; Dt 18,15-19; 34,10); assim também Aarão (Ex 7,1) e os anciãos (Nm 11,16.23-26). Sem falar de grandes figuras que desempenham um papel duplo, de profeta e sacerdote, como é o caso de Samuel, de Ezequiel (Ez 1,2) e do Primeiro Isaías (Is 6).

É curioso que Amós, um dos mais autênticos profetas, na essência da palavra, não aceita ser chamado de profeta. Quando Amasias, sacerdote de Betel, escuta as denúncias e acusações de Amós, ele chega à conclusão de que a “terra/a corte de Jeroboão II não pode mais suportar todas as suas palavras”. Então, Amasias vai e diz a Amós: “vidente (*ro'eb*), vai embora daqui, vai para a terra de Judá; come lá o teu pão e profetiza lá. Porque aqui você não pode profetizar, porque Betel é um santuário do rei, uma casa do reino”. Ao que Amós responde: “Eu não sou profeta e nem filho de profeta. Sou um pastor (vaqueiro) e cultivador de sicômoros. E Javé me tirou de trás do rebanho” (Am 7,10-14).

Mas, há, também, mulheres profetisas, como Miriam (Ex 15,20); Débora (Jz 4,4); Hulda (2Rs 22,14); a mulher de Isaías (Is 8,3); Noadias (Ne 6,15). Diferentemente dos profetas citados, elas não são sacerdotisas.

Jesus também é identificado como profeta. Num determinado período de sua vida, parece que o movimento de Jesus passa por uma séria crise. Isso acontece quando ele começa a falar da cruz como exigência para o seu discipulado. E, à custa disso, parece que muitos seguidores o abandonam. Jesus, então, faz uma pergunta enigmática aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que eu sou?”. Ao que eles respondem: “uns dizem que você é João Batista; outros dizem que é Elias; outros, ainda, um dos profetas” (Mc 8,28). As três associações que as pessoas fazem de Jesus estão relacionadas aos profetas: João Batista, Elias ou algum outro profeta. Isso leva a supor que, para as pessoas, estava claro: primeiro, o que é ser um profeta; e, segundo, que Jesus era um profeta, pela semelhança a eles no seu modo de agir. E o interessante é que Jesus nunca se diz profeta. Os outros o identificam assim. Similar ao que acontece com Amós.

Portanto, hoje como ontem, o profeta impressiona, é odiado e é admirado. É martirizado, mas continua vivo. É memória que não se apaga.

### PROFETA DO CENTRO E PROFETA DA PERIFERIA

Na Bíblia (Primeiro Testamento), podemos distinguir três tipos ou categorias de profetas.

1. *Profetas da corte.* São os profetas que estão a serviço do rei e são pagos pelo serviço. São uma espécie de conselheiros, que consultam a Deus a respeito dos desejos e projetos do rei. Por exemplo: se o rei deve entrar em uma guerra, se Javé vai estar a seu favor, se vai vencer etc. Normalmente, esses profetas fazem o prognóstico a favor dos interesses do rei. Sabem que, se não o fizerem assim, perderão o emprego. É o caso, por exemplo, do profeta Natã, a serviço do rei Davi (2Sm 7, 1-17; 1Rs 1,11-26); dos 400 profetas reunidos pelo rei Josafá para aconselha-lo se deveria atacar Ramot de Gilead ou não, uma vez que o profeta Miqueias, filho Jemla, sempre profetizava contra ele (1Rs 22,5-9). Ou ainda aqueles denunciados pelo profeta Miqueias, quando diz: “Seus juízes julgam por suborno, seus sacerdotes ensinam por salário e seus profetas vaticinam por dinheiro” (Mq 3,11).

2. *Profetas do centro.* São profetas da cidade, vivem no templo, alguns são sacerdotes, que estão a serviço do templo e também da corte e do rei. São

respeitados pela sua sabedoria, mas, no final, comem da mão do rei. É o caso, por exemplo, do Primeiro Isaías, cuja vocação ele recebe no templo (Is 6); do profeta Ezequiel, que é sacerdote (Ez 1,2). É claro que eles podem chegar a defender os interesses do povo, como se vê, por exemplo, na denúncia do profeta Isaías contra a opressão (Is 10,1-2). Mas, dificilmente propõem mudanças estruturais, pois dependem do templo. Evidentemente, pode haver grupos internos que se diferenciam um do outro, com posicionamentos e atitudes mais ou menos comprometidos com as necessidades do povo.

Em geral, em nossos dias, é com os membros desse grupo que poderiam ser identificados os agentes pastorais, padres, pastores, pastoras pertencentes de alguma forma a uma instituição religiosa, mas que lutam e sonham com mundo mais fraterno e solidário.

3. *Profetas da periferia.* Como diz o título, estes profetas não vivem no centro. Geralmente, vivem no campo e trabalham a terra. Podem viver em comunidades, como é o caso da comunidade de profetas de Eliseu. Essa comunidade de profetas deixou um testemunho de organização solidária muito bonito. O livro de Segundo Reis relata alguns episódios desta comunidade exemplar. Um é o da viúva endividada (2Re 4,1-7), que por causa de uma dívida corre o risco de ver seus filhos serem vendidos como escravos pelo credor. A comunidade se organiza e todos ajudam com doações que permitem à viúva saldar sua dívida. Outro episódio é o da sopa milagrosa (2Rs 4,38-41), quando, devido à fome que reinava na região, alguém da comunidade acabou fazendo uma sopa com verdura imprópria, que quase envenenou toda a comunidade. Um terceiro episódio é o da multiplicação dos pães das primícias (2Rs 4,42-44), trazidos por um homem de outro vilarejo para a comunidade faminta. Eram apenas vinte pães, mas que foram partilhados e saciaram a fome de toda a comunidade, que era formada por cerca de cem pessoas.

Essas comunidades de profetas têm tradição de serem muito críticas aos sistemas de governos monárquicos, que para a sua manutenção exploravam os camponeses. É o que se pode ver, por exemplo, na comunidade de profetas de Anatot, na região de Benjamin, da qual era oriundo o profeta Jeremias (Jr 1,1; 32,6-15; 37,12) e para a qual foi exilado o sacerdote Abiatar, que fazia oposição a Salomão (2Rs 2,26). Temos, ainda, outras referências a esse tipo comunidades, como é o caso da comunidade de profetas que vivia em Gabaá, também no território de Benjamin (1Sm 10,9-12).

Mas, também existem profetas da periferia independentes, como parece ser o caso de Amós, Oseias, Miqueias, Sofonias etc. Evidentemente, atrás de



suas denúncias e de seus oráculos, sempre tem uma comunidade. De uma ou outra forma, a voz desses profetas é a voz de uma comunidade, é um clamor coletivo. Eles costumam ser chamados de “vidente” (*ro'eb*); “homem de Deus” (*ix: haelohim*); e, às vezes, também de “profeta” (*nabii*). Podem ser comparados, em alguns casos, aos nossos xamãs, aos videntes populares, aos pais e mães de santo etc.

Normalmente, são vistos nos portões das cidades e nas praças públicas, denunciando a opressão e rogando praga sobre o rei, sobre as elites dominantes, sobre os juizes, sobre os sacerdotes e sobre os profetas oficiais. Pode-se imaginar um Amós gritando no portão da cidade: “Javé vai enviar fogo sobre Judá e ele devorará os palácios de Jerusalém” (Am 2,5).

Uma forma de distinguir esse grupo de profetas dos dois grupos anteriores é ver se o rei recorre a eles, quando necessita. Por exemplo, o rei nunca vai recorrer a um Amós para lhe pedir conselhos. A partir desse princípio, pode-se questionar se a profetisa Hulda (2Rs 22,14) era da periferia, uma vez que o rei Josias mandou consultá-la. Ainda que ela morasse na cidade nova, que foi a área para onde Jerusalém se expandiu com a chegada da grande massa de migrantes vindos do Norte, após a queda de Samaria.

### A MISERICÓRDIA PROFÉTICA (*ḤĒSĒD*)

Ajuda-nos a compreender melhor quem é o profeta e sua mensagem quando estudamos a fundo determinados conceitos utilizados por ele. Esta é, particularmente, a tarefa do exegeta. É uma forma dele (do exegeta) ser uma pequena extensão do profeta, dando eco à sua voz. E eu gostaria de me ater à expressão *ḥēsēd*, que traduzo por “misericórdia”.

Tércio Siqueira (texto em elaboração) prefere a palavra “bondade”. Mas, eu acho que devemos insistir com a palavra “misericórdia” porque ela é uma palavra muito utilizada em nossas Igrejas e pastorais. E seu verdadeiro sentido precisa ser resgatado. Por exemplo, na Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), o Papa Francisco, com a recente bula papal, *Misericordiae vultus* (“Rosto da misericórdia”), proclamou o ano de 2016 (08/12/15-20/11/16) como “o ano da misericórdia”. E, por isso, muito se tem refletido e falado sobre o significado da misericórdia. Considero que seja importante oferecer, também, nossa contribuição a partir de como os profetas entendiam o significado de *ḥēsēd*.

## O QUE SE ENTENDE POR MISERICÓRDIA?

A palavra “misericórdia” vem do latim: *miseratio* (compaixão) + *cor-dis* (coração). É a junção de duas palavras, que podem ser entendidas literalmente por “coração compadecido”. Ou, ainda, *miserere* + *cordis*: “ter o coração com os miseráveis”. Portanto, na sua raiz etimológica, “misericórdia” é um conceito sociológico, que reporta uma atitude solidária.

Mas, nós sabemos que a linguagem é viva. Os sentidos das palavras mudam com o passar do tempo. Algumas perdem força, outras ganham força. Por exemplo, entre tantos, a palavra *hebel* – que nossas Bíblias traduzem por “ vaidade ” – particularmente no livro do Eclesiastes, que é o livro que mais utiliza essa expressão (KAEFER, 2016, p. 121), é completamente negativa. *Hebel* se refere a alguém ou a algo superficial, sem consistência, sem profundidade, vazio, que passa sem deixar marcas, assim como a névoa. Na verdade, esse é o significado original de “ vaidade ” e, por isso, é a tradução correta de *hebel*. Contudo, “ vaidade ”, no português corrente, pode ter conotação positiva. Tem pessoas que gostam de se definir como “ vaidosas ”. Também podemos dar um exemplo do nosso cotidiano político e que estamos cansados de ouvir. Atentemos, por exemplo, para o tratamento “ vossa excelência ”, utilizado constantemente no meio político entre deputados, senadores, juízes e ministros. O tratamento “ vossa excelência ” se tornou hoje sinônimo de ladrão. Você, caro leitor ou leitora, certamente se ofenderia se fosse tratado ou tratada assim.

Enfim, como se entende comumente, no dia a dia, a palavra misericórdia ou o ato de ser misericordioso.

Como o Dicionário Aurélio define misericórdia?

O Aurélio apresenta quatro definições para misericórdia:

1. Compaixão suscitada pela miséria alheia.
2. Indulgência, graça, perdão.
3. Antigo punhal que os cavaleiros traziam do lado direito e com que matavam o adversário derribado, a menos que este pedisse por misericórdia.
4. Grito de quem pede compaixão, piedade ou socorro.

Parece-nos que a compreensão mais comum, em nossos dias, é a segunda definição do Aurélio: “ Misericórdia como uma indulgência, graça e perdão ”. Basta mencionar a expressão que toda pessoa já deve ter ouvido: “ Que Deus tenha misericórdia de sua alma ” (*Miserere mei, Deus*: “ Misericórdia de mim, Deus ”).

É provável que muitos entendam assim a proclamação do “ano da misericórdia” do Papa Francisco, ou seja, como um ano para receber indulgências. Um ano de receber o perdão dos pecados. Não é assim que a Bíblia define ou utiliza a palavra misericórdia.

## A MISERICÓRDIA (HĒSĒD) NO LIVRO DO PROFETA OSEIAS

A raiz de *hēsēd*, palavra que em português é comumente traduzida por misericórdia, aparece 255 vezes na Bíblia hebraica. Nos livros proféticos, ela aparece oito vezes no livro do profeta Isaías, das quais, quatro vezes no Dêutero-Isaías (40,6; 54,8.10; 55,3), três no Trito-Isaías (57,1; 63,7 (2x)), e só uma vez no Primeiro Isaías (16,5). Seis vezes no livro do profeta Jeremias (2,2; 9,23; 16,5; 31,3; 32,18; 33,11); três vezes no livro de Lamentações (3,22 e 332 (2x)); duas vezes em Daniel (1,9; 9,4); seis vezes em Oseias (2,21; 4,1; 6,4; 6,6; 10,12; 12,7) – que iremos analisar mais detalhadamente adiante; uma vez em Joel (2,13); duas vezes em Jonas (2,9; 4,2); três vezes em Miqueias (6,8; 7,18; 7,20); e uma vez em Zacarias (7,9). Na absoluta maioria das vezes, ela aparece no livro dos Salmos (SILVEIRA, 2016, p. 32-44). Portanto, nos livros proféticos *hēsēd* é mais usada em Oseias, Jeremias, Dêutero e Trito Isaías e Miqueias. Ou seja, para quem conhece os livros proféticos, já é possível ter uma aproximação ao significado de *hēsēd*. Todos estes profetas pertencem ao grupo que acima definimos como “profetas da periferia”.

Na Bíblia, muitas expressões ou conceitos são utilizados de diferentes maneiras, com diferentes sentidos. Como a Bíblia foi escrita por muitas mãos e em diferentes períodos e contextos históricos, a forma que um autor de um livro bíblico usa um verbo ou substantivo às vezes pode diferir bastante da forma como outro autor o utiliza. Aí os dicionários não ajudam muito, pois estes sempre apresentam o sentido genérico da palavra analisada. Por isso, para nos aproximarmos melhor do sentido ou significado que uma palavra tem para determinado autor de um livro bíblico, precisamos recorrer à exegese. E, nesse caso particular, ao estudo semântico da palavra. Como fazemos isso? Analisando o campo semântico de onde o autor emprega determinado conceito.

Avaliemos, então, como é empregada a palavra *hēsēd* no livro do profeta Oseias 2,21; 4,1; 6,4; 6,6; 10,12 e 12,7.

Em 2,1, o autor emprega *hēsēd*, “misericórdia”, para falar do amor de Javé para com o seu povo, no intuito de resgatar o amor da sua vida. É Javé quem está falando para a sua amada, o povo de Israel, e diz assim:

“Eu te desposaria para mim para sempre. E te desposarei para mim com justiça e com direito, e com misericórdia e com compaixões”.

Portanto, aqui a *hēsēd*, “misericórdia”, está associada à “justiça” (*šedeq*), ao “direito” (*mišpat*) e à “compaixão” (*rahāmîm*). Assim, *hēsēd* é sinônimo de cuidado integral da pessoa, no caso, do povo. Significa dar amor, proteção, garantia de seus direitos, tratamento justo e compassivo.

A passagem seguinte do emprego do conceito *hēsēd* em Oseias está em 4,1-2:

*“Escutem a palavra de Javé, filhos de Israel, pois Javé contenda com os habitantes da terra, porque não há fidelidade, nem misericórdia, nem conhecimento de Deus na terra. Perjurar, mentir, assassinar, roubar e adular transbordam. Sangue derramado em sangue derramado se juntam”.*

Aqui temos uma denúncia muito forte do profeta. A terra, o país, está cheio de perjúrio, mentira, assassinato, roubo e adultério. “Sangue derramado se junta a sangue derramado”. E não há fidelidade, não há *hēsēd*, não há conhecimento de Deus. Parece que o profeta chegou ao seu limite. Imaginemos a cena: Oseias parado junto ao portão da cidade gritando tudo isso.

Como podemos ver, *hēsēd* apresenta aqui o mesmo campo semântico do verso anterior, só que muito mais intenso e abrangente. A veemência da denúncia de violência e injustiça social que o profeta faz aqui é praticamente única em intensidade na Bíblia. Por causa disso, Javé vai contender com os responsáveis e abrir um processo contra eles.

As duas ocorrências seguintes se encontram no mesmo contexto literário, 6,4.6:

*“Que farei contigo Efraim? Que farei contigo Judá? Pois tua misericórdia é como névoa da manhã e como o orvalho que se cedo vai... Porque é misericórdia que desejo e não sacrifício, e conhecimento de Deus e não holocaustos”.*

Aqui é novamente Javé quem fala, interpelando Israel e Judá, porque a prática da justiça, a *hēsēd*, não existe ou é como névoa, que logo desaparece, é apenas aparência. A denúncia também revela que, por parte dos dirigentes do povo, existe uma exagerada preocupação com o culto, sacrifícios e holocaustos (DE SOUZA; AUGUSTA, 2016, p. 97-110). O curioso é que a interpretação comum de misericórdia em nossos dias, enquanto alcance de

indulgência ou perdão dos pecados, é obtida por meio de sacrifícios e holocaustos (VITÓRIO, 2016, p. 71-84), o que é condenado nesta passagem. Ou seja, misericórdia e holocaustos são antagônicos para Oseias.

Parece que esta passagem de Oseias era bastante conhecida por Jesus e, por extensão, pelas primeiras comunidades cristãs. Em certa ocasião, numa ceia na casa de cobradores de impostos e pecadores, Jesus entra num embate com os fariseus por causa dos rituais de purificação. É, então, que ele cita literalmente para os seus oponentes este verso de Oseias: *Éleos thelō kai oī thūsian* “Misericórdia quero e não sacrifício” (Mt 9,13). Ou seja, as primeiras comunidades cristãs tinham uma particular preocupação com o tipo de ritos e sacrifícios que deviam praticar, especialmente a comunidade de Mateus, cujo evangelho cita literalmente duas vezes esse verso (Mt 9,13 e 12,7).

O quinto uso de *hēsēd* no livro de Oseias ocorre em 10,12:

“Semeiem para vocês a justiça e vocês colherão frutos de misericórdia. Arai para vocês um terreno sem arar, pois é tempo para buscar a Javé, até que venha e derrame justiça sobre vocês”.

Aqui não está claro se é Javé quem está falando ou se é o profeta. Em todo caso, há uma forte interpelação do profeta, em nome de Deus, junto às autoridades, para que pratiquem/semeeiem justiça e, então, colherão misericórdia.

Novamente, a misericórdia está ligada à prática da justiça, repetida duas vezes. Uma leva à outra. Quem semeia justiça (*sedeq*), colherá misericórdia (*hēsēd*). Quem busca a Javé, receberá a justiça (*sedeq*).

A sexta e última vez em que *hēsēd* é usada em Oseias é em 12,7:

“Mas tu, a teu Deus voltarás, misericórdia e direito guarda, e espere em teu Deus sempre”.

Aqui já estamos na conclusão do livro, uma espécie de orientação final: voltar para Deus e guardar a *hēsēd* e o direito (*mišpat*). Como se pode ver, também aqui encontramos a misericórdia (*hēsēd*) junto com o direito (*mišpat*). Ou seja, a última referência mantém o campo semântico das referências anteriores.

Portanto, para o profeta Oseias, misericórdia é um conceito sociológico, que tem relação muito estreita com a prática da justiça e do direito, em defesa das pessoas mais vulneráveis socialmente. É uma questão de solidariedade

(XAVIER, 2015, p. 453) com os marginalizados da sociedade. Outro aspecto a salientar é que, para Oseias, misericórdia (*hēsēd*) é uma palavra que vem de Javé, é sempre Javé quem está falando, ou está associada a ele. É uma palavra ou uma preocupação própria de Javé, por isso sagrada. Curiosamente, apesar de haver mãos diferentes na composição do livro de Oseias, o conceito de *hēsēd* foi mantido por todas elas.

Com isso, deveríamos também rever o uso da palavra misericórdia no Segundo Testamento (NT). Como, por exemplo, quando ela é empregada nas “bem-aventuranças” de Mateus, quando Jesus fala aos apóstolos e ao povo, e a nós, hoje:

Mt 5,7: *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.*<sup>1</sup>

Dada à sua importância para a linguagem profética, com o tempo, a *hēsēd* dos profetas vai adquirindo novos significados, como “fidelidade”, “lealdade” e sendo associada à lei ou ao cumprimento dela. Passa, então, a ser um conceito por excelência de grupos ligados ao templo e à lei. De aí que surge o grupo denominado de “assideus” ou *hassidim*, no hebraico, um grupo ou partido religioso que se autodenominava fiel e leal à lei (1Mac 2,42; 7,13; 14,6). Esse grupo era muito próximo dos macabeus, e parece ter lutado ao seu lado na guerra contra Antíoco IV Epífanes. Ao que se sabe, do grupo dos assideus surge, mais tarde, o grupo dos fariseus. É possível, também, que a comunidade de Qumrã tenha sido remanescente desse grupo.

### ANÁLISE LIBERTADORA DA LITERATURA PROFÉTICA

A partir da recuperação do significado de *hēsēd* nos profetas, eu vejo também a necessidade de um resgate mais amplo de toda literatura profética, no que diz respeito à leitura contextualizada dos livros proféticos. Ou seja, não só a necessidade da centralidade da literatura profética em nossos centros acadêmicos e projetos eclesiais e pastorais, mas a forma como se faz a abordagem da literatura profética. Se não se tem um olhar sociológico, dificilmente se entenderá o que é misericórdia para os profetas e nem se entenderá os próprios profetas.

<sup>1</sup> De aí se estende o significado de misericórdia (*Eleos*) para outras passagens do NT, como no Magnificat de Maria (Lc 1,50) e no Benedictus de Zacarias (Lc 1,72) ou ainda para Lc 6,36: “Sede misericordiosos, como vosso pai é misericordioso”.

Como diz Mircea Eliade, “é sempre numa certa situação histórica que o sagrado se manifesta. Até as experiências místicas mais pessoais e mais transcendentais sofrem a influência do momento histórico” (ELIADE, 2002, p. 9). A partir disso, tem lugar a seguinte pergunta: Se tirássemos Jesus de seu contexto histórico, ele ainda seria Jesus? Nós não temos o domínio sobre os mistérios de Deus, mas é praticamente impossível conceber Jesus de Nazaré fora do ambiente messiânico-judaico da Palestina de dois mil anos atrás. Ou seja, Jesus não seria esse Jesus que nós conhecemos fora do seu ambiente histórico.

Com isso se reafirma que o profeta é fruto do seu tempo. Tirá-lo de seu contexto é tirar a sua identidade. Por isso, ele deve ser lido dentro de seu contexto histórico e literário para ser compreendido. Evidentemente, um texto sempre é interpretado a partir do contexto particular, cultural e histórico do leitor e da leitora. Não é possível fazer uma interpretação isenta dessa influência. Contudo, é somente com o domínio da identidade, pelo menos aproximada, do profeta em seu contexto histórico que sua mensagem pode ser interpretada e atualizada para épocas e contextos distintos. Sem esse conhecimento prévio, pode-se até tentar, mas não será a mensagem do profeta que será atualizada.

### LEITURA SINCRÔNICA E LEITURA DIACRÔNICA

As palavras são manipuladas. Elas perdem ou ganham força dependendo da boca de quem as pronuncia. Na Bíblia também é assim.

Desde a crise da teoria das fontes, na década de 1980, surgiram vários métodos de leitura bíblica. Nos últimos anos, uma forte tendência é a concentração do estudo do texto na sua forma final, unida à leitura canônica (KAEFER, 2014, p. 123-124). Tomemos como base a pesquisa da história da redação dos livros proféticos, que se divide em três fases (SCHMID, 2010, p. 388-400).

**A primeira fase** situa-se no século XIX e início do século XX. Nesta etapa, em geral, considerava-se que os escritos remetiam literalmente aos profetas históricos. É o que comumente se denomina por leitura fundamentalista.

**A segunda fase** situa-se a partir da metade do século XX, quando se começa a falar mais insistentemente em redações ou camadas. Ou seja, haveria no texto unidades ou *perícopes* que remetem aos profetas históricos, sendo testemunhos autênticos desse ou daquele profeta. E partes ou unidades que

seriam redações acrescidas, muitas vezes carregadas de ideologias do poder dominante, da corte e do templo. Chegou-se, em muitos casos, ao exagero de seccionar o texto em múltiplas partes, multiplicando-se as fontes. Evidentemente, o valor maior e mais buscado recaía sobre a parcela que possivelmente remetia ao profeta originário. O problema era que, em não poucos casos, algumas unidades que por uns eram remetidas ao profeta original, por outros eram atribuídas a uma redação posterior, o que, obviamente, resultava numa enorme confusão para o leitor ou leitora.

A terceira fase surge no final do século XX e se intensifica no princípio do século XXI. Esta análise volta seu olhar para a redação final e o conjunto da obra. Enquanto as duas primeiras se interessam pelo profeta, aquilo que ele disse e na autenticidade do texto, a terceira se preocupa com a forma conjunta do texto. De maneira genérica, pode se dizer que as duas primeiras estão mais voltadas para o conteúdo – quem foi que disse, quando, onde e para quem –, enquanto a terceira está mais interessada na forma e na estética do texto.

Os argumentos a favor desse modelo (SCHMID, 2010, p. 392.) partem do princípio de que a profecia, assim como os demais livros bíblicos, é o resultado de um longo processo coletivo que resultou no livro. Os redatores subsequentes também estariam no mesmo plano do profeta, ou seja, também seriam profetas, uma vez que tiveram a capacidade de reinterpretar e inovar a profecia e de incluir uma nova mensagem também entendida como profecia. Nesse sentido, os escribas também seriam profetas. Tanto que, alguns livros proféticos podem ser atribuídos integralmente a escribas, como no caso dos livros de Malaquias e Jonas. Assim, já não haveria mais profeta autêntico no Primeiro Testamento, uma vez que as palavras do profeta, a tradição oral, foram postas por escrito e as redações posteriores de pequenas unidades ou frases já são interpretações. O crescimento literário dos livros proféticos poderia ser comparado a uma “floresta incontável” ou uma avalanche sempre crescente, em que não seria possível distinguir camadas menores ou maiores.

Não pensamos assim. Primeiramente, não há como negar a existência de camadas maiores ou menores nos livros bíblicos. Apenas para citar algumas: Como negar as diferenças das tradições na narrativa da história de Abraão, Isaac e Jacó, presentes no livro do Gênesis ou da história de José, que é claramente uma unidade que foi acrescida tardiamente ao livro de Gênesis? Ou, no caso dos livros proféticos, nosso objeto, como não perceber a diferença dos capítulos 40-48 do profeta Ezequiel – nos quais se encontra o



fundamento da teocracia do pós-exílio —, dos demais capítulos do livro? Ou o apocalipse de Isaías, capítulos 24-27, que não pode ter sido escrito antes do século V da nossa era?

### PERDAS DO ESTUDO BÍBLICO SEM CONTEXTO

É evidente que há contribuições da leitura sincrônica que podem ajudar, em muito, na análise dos textos bíblicos. No entanto, o estudo que permanece somente no nível sincrônico pode resultar em sérias perdas para a pesquisa bíblica. Elencamos algumas:

- a) Ignorar o contexto, tanto da formação oral da profecia quanto do redator. Por mais difícil que possa ser, entendemos que, para a compreensão do conteúdo, é fundamental buscar situar o texto em seu contexto. Sem contexto, a profecia perde a força da denúncia. Tirar o contexto e a identidade do profeta é uma forma de matar o profeta outra vez.
- b) Igualar todos os profetas, não importando se é da periferia ou do centro, do campo ou da corte e do templo.
- c) Colocar o mesmo peso numa denúncia contra a opressão dos pobres e numa preocupação com o cumprimento da lei que favorece o templo e o palácio.
- d) Privilegiar a forma e relativizar o conteúdo. Entendemos que a forma é importante por causa do conteúdo, que é o que deve ser o objeto final da pesquisa.
- e) Evitar a leitura crítica da Bíblia.
- f) Tirar a importância da exegese.

Um estudo bíblico sem contexto coloca o mesmo peso em uma denúncia contra a exploração dos pobres e uma preocupação com o cumprimento da lei que favorece o templo e o palácio e oprime o pobre. É diferente quando um Chico Mendes ou Marina Silva falam de sustentabilidade e quando Renan Calheiros ou José Sarney ou ainda a *Vale* falam de sustentabilidade. O Deus do profeta e o Deus do rei não são os mesmos. É diferente quando um José Comblin fala de Jesus e quando um candidato à presidência dos EUA fala de Jesus.

É verdade que a hermenêutica permite atualizar o conteúdo bíblico, e está aí uma das grandes riquezas e diferenças da mensagem bíblica em relação

à outra literatura, mas esse conteúdo nunca perde suas raízes. Se as perder, deixará de ser relevante. Ou seja, o Evangelho, assim como as palavras de um profeta, é importante porque foi Jesus ou o profeta quem disse, dentro de seu contexto e em seu tempo. Se colocarmos esse mesmo conteúdo na boca de uma pessoa do nosso tempo, como sendo de sua autoria, esse conteúdo certamente perderá relevância. Por isso, a mensagem bíblica é atualizada, reinterpretada, mas não mudada.

Na América Latina, aprendemos a ler a Bíblia a partir da periferia para o centro. Como todo texto é um produto da sua época, carregado de teor social, religioso, econômico, literário, de gênero etc., ele traz em suas letras a marca, tanto da classe dominante, como da classe dominada da sociedade que o produziu. O estudo bíblico na América Latina e Caribe se “especializou” em resgatar os valores culturais dos empobrecidos, seus sonhos e suas lutas, que se encontram nas entrelinhas do texto bíblico. A literatura profética, excepcionalmente, traz um subsídio enorme para essa leitura. Por isso, nenhum estudo sério da literatura profética, nenhum plano de aula, deveria olvidar a abordagem sociológica. Senão, como se poderia dar eco a palavras como as de Miqueias ou Amós, para citar algumas:

Mq 2,1-2:

*Ai dos que pensam iniquidade e tramam maldade em seus leitos, e o executam à luz da manhã, porque têm o poder em suas mãos. Se cobiçam campos, eles se apropriam deles, e se casas, eles as tomam. E oprimem o varão e sua casa, a pessoa e sua herança.*

Mq 3,1-3:

*...Escutem agora chefes de Jacó e magistrados da casa de Israel. Não cabe a vocês conhecer o direito? Vocês que odeiam o bem e são amantes do mal, que arrancam do meu povo a pele e a carne de seus ossos. Que comem a carne do meu povo e lhe arrancam a pele. Vocês lhe quebram os ossos, como para o caldeirão, e lho cortam como carne para a panela.*

Mq 3,9-10:

*Agora escutem isto, chefes da casa de Jacó e magistrados da casa de Israel. Vocês que desprezam o direito e pervertem tudo o que é reto. Vocês que edificam Sião com sangue e Jerusalém com iniquidade.*

Am 6,1.4-6:

*Ai dos que vivem tranquilos em Sião e dos que estão seguros no monte de Samaria... Ai dos que dormem em camas de marfim, e se estendem sobre os seus leitos, e comem os cordeiros do rebanho, e os novilhos do meio do curral; Que cantam ao som da harpa, como Davi, e inventam para si instrumentos musicais; Que bebem vinho em taças e se ungem com o mais fino dos óleos, mas, não se preocupam pela ruína de José.*

Am 8,4-6:

*Ouvi isto, vocês que pisoteiam o necessitado para fazer desaparecer o pobre da terra. Vocês que dizem: quando passará a lua nova, para vendermos o grão, e o sábado, para negociarmos o trigo, para diminuir a medida e aumentar o preço e enganar com balanças falsas? Para comprar com dinheiro os pobres, o necessitado por um par de sandálias e vendermos o refugio do trigo?*

## REFERÊNCIAS

- DE SOUZA, Neusa Silveira; AUGUSTA, Maria de Lourdes. "Eu quero misericórdia e não sacrifício" (Os 6,6). In: **Estudos bíblicos**, n. 129. Petrópolis: Editora Vozes, 2016, p. 97-110.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 7-38.
- KAEFER, José Ademar. **Coélet e a Idolatria ao Dinheiro: Um Estudo do Eclesiastes**. Saarbrücken, Deutschland: Novas Edições Acadêmicas, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Hermenêutica bíblica: Refazendo caminhos*. In: **Estudos de Religião**, vol. 28, n.1. São Bernardo do Campo: UESP, 2014, p. 115-134.
- SCHMID, Konrad. *A formação dos últimos profetas (história da redação)*. In: RÖMER, T.; MACCHI, J.-D.; NIHAN, C. (orgs.). **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2010, p. 388-400.
- SILVEIRA, Rogério Goldini. "Porque para sempre é a misericórdia dele": Heseq do Senhor no Sl 136. In: **Estudos Bíblicos**, n. 130. Petrópolis: Editora Vozes, 2016, p. 32-44.
- SIQUEIRA, Tércio Machado. *O conceito de hesed, "solidariedade", "bondade", no Antigo Testamento* (texto em elaboração).
- VITÓRIO, Jaldemir. *O culto desagradável a Deus: A denúncia profética da falsa religião em Is 1,10-20*. In: **Estudos bíblicos**, n. 129. Petrópolis: Editora Vozes, 2016, p. 71-84.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: UnB, 1991.
- XAVIER, Suely. *Sobre opressão e violência versus solidariedade e direito! Uma leitura de Os 12,2-11*. In: **Estudos Bíblicos**, n. 128. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, p. 445-457.